



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

UMA ANÁLISE DO DISCURSO FEMININO X DISCURSO MASCULINO A PARTIR DE HAGAR, O HORRÍVEL COMO PRÁTICA DE ENSINO

Julio Cesar Machado
Doutorando em Linguística
Universidade Federal de São Carlos – PPGL/UFSCar
(julio.semantica@gmail.com)

Marcelo Giovannetti Ferreira Luz
Doutorando em Linguística
Universidade Federal de São Carlos – PPGL/UFSCar
(giovannettil@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo investigar, a partir da Análise de Discurso de francesa, bem como aquela produzida no Brasil por Eni Orlandi, os efeitos de sentido sobre os nomes “feminino” e “masculino” na modernidade, tendo como *corpus* de análise as tiras em quadrinhos de Hagar, o Horrível, criado por Dick Brown, em 1973. Divulgadas em mais de 1900 jornais, essas tiras formam um *corpus* rico para questionar os aspectos linguísticos, históricos e sociais que fazem significar o “masculino” e o “feminino” na atualidade, bem como acentuar a configuração complexa do gênero HQ, tendo em vista o deslize de sentidos que tais palavras sofreram no decorrer da história, mostrando como essas significações podem promover um novo olhar sobre as relações entre homem e mulher nas práticas discursivas escolares.

PALAVRAS-CHAVE: História em quadrinhos, discurso, feminino, masculino.

ABSTRACT: This paper aims to investigate, from the French Discourse Analysis, as well as that produced in Brazil by Eni Orlandi, the effects of meaning on the names "feminine" and "masculine" in modernity, with the corpus of analysis the comic strip Hagar the Horrible, created by Dick Brown in 1973. Released in over 1900 newspapers, these bands form a rich corpus to question the linguistic, historical and social factors that are mean "male" and "feminine" in the news, as well as emphasize the HQ's complex configuration, in view of the slip directions that such words have suffered throughout history, showing how theses meanings promote a new understanding about the relationship between men and women inside school discursive practices.

KEYWORDS: HQ's, discourse, feminine, masculine.

INTRODUÇÃO

O masculino e o feminino têm tomado formatos diferentes dos tradicionais na atualidade. Por isso, poder entender quais efeitos de sentidos são produzidos acerca do masculino e do feminino na modernidade, e também como essas dimensões configuram-se, é muito pertinente para os estudos linguísticos, bem como observar de que modo os sujeitos



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

interagem, assumindo esses papéis no discurso, por meio da linguagem. Nosso pressuposto é de que a enunciação é o processo de funcionamento da linguagem em que novos sentidos de masculino e feminino são postos a circular, e outros já-ditos são rememorados. Queremos refletir sobre a constituição desses sujeitos pelo funcionamento dos discursos presentes em algumas tiras de HQ, presentes em livros didáticos, tendo como pressupostos teóricos a Análise de discurso francesa, bem como aquela praticada no Brasil por Eni Orlandi, mantendo um diálogo profícuo com a Semântica da Enunciação, como trabalhada por Eduardo Guimarães. Nas situações discursivas das tiras analisadas, os personagens falam, movimentam o corpo, gesticulam, utilizam linguagem verbal e não verbal, além das linguagens mistas, que combinam unidades próprias de diferentes linguagens (imagens, sons, palavras...), uma vez que as histórias em quadrinhos combinam imagens e palavras de modo a produzirem determinados efeitos de sentido para o leitor.

É sobre esses elementos imagéticos e linguísticos que circulam nos materiais didáticos que procuraremos refletir, por uma visada discursiva, neste trabalho. Para tanto, elegemos como *corpus* de análise algumas tiras de Hagar, o Horrível, comumente encontradas em livros didáticos, como mote para a abordagem de determinados assuntos referentes ao estudo da língua portuguesa.

1. OBJETIVOS

Temos como objetivo geral investigar os efeitos de sentido acerca das posições “masculino” e “feminino” na modernidade, apoiados em análises das tiras de Hagar, levando em conta elementos linguísticos, extra-linguísticos e demais fatores que interferem no sentido dessas tiras. De modo a estabelecer um panorama para compreender o que se têm chamado de masculino e feminino e o que, de fato, tem funcionado como tal na modernidade dita “democrática”, bem como esses discursos são postos a circular nos materiais destinados ao estudo da língua portuguesa nos colégios públicos do país.

Concomitantemente, como objetivos específicos, queremos pensar no sujeito homem e no sujeito mulher nas tiras de Hagar, perscrutando os efeitos de sentido que produzem o humor, ao observar o machismo x feminino nas tiras trabalhadas.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nossa pesquisa debruça-se sobre o aparato teórico da Análise de Discurso tal como praticada no Brasil (ORLANDI, 2006, 2007). Para o presente artigo, manipularemos os dados das tiras de Hagar, o horrível, por meio das noções de: **discurso, história, memória, ideologia, sujeito, imaginário, simbólico, língua e formação discursiva**, principalmente, para compreender como se produz um efeito de sentido nesses discursos.

Segundo Orlandi (2006), diremos que a língua não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos, bem como da produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. Destarte, a fim de analisarmos discursivamente este *corpus*, nortear-nos-emos pelo pressuposto de que “*o discurso é efeito de sentidos entre locutores*” (ORLANDI, 2007, p. 21), produzido e posto a circular em determinadas condições de produção e por um suporte material específico, no caso, as histórias em quadrinhos.

Consequentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Assumimos que “*as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam*”. (ORLANDI, 2007, p. 42), isto é, de acordo com a formação discursiva ocupada pelo sujeito da enunciação, materializando as formações ideológicas¹ nas quais essas posições se inscrevem.

Conforme a autora (idem, ibidem), o discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: “*(...) com o estudo do discurso observa-se o homem falando (o que não quer dizer que o discurso é a fala, porque vai além) (...)*” (ORLANDI, 2007, p. 42). Pela análise de discurso, procuraremos compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua

¹ Ideologia é o mecanismo que estrutura o processo de significação (ORLANDI, 2007, p. 96). Do prisma deste artigo, o mundo é significado pela ideologia, explicitada pela enunciação.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

história nas histórias em quadrinhos de Hagar, o terrível. Por essa via teórica, podemos conhecer o homem com capacidade de significar e significar-se. Como se verá, a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem (social), língua e história.

Para alcançar sentidos levaremos em conta a história do homem e seus processos, e as condições de produção do discurso, estabelecendo a relação da língua com os sujeitos, bem como com as situações em que se produz o dizer. Assim, já podemos dizer que o masculino e o feminino são antes **configurações**, que propriamente **posições** (nas tiras de Hagar veremos que Helga é mais “masculina” que feminina, pelas suas enunciações imperativas, e Hagar é mais “feminino” que masculino, pelas suas enunciações de submissão), o que pode ser sustentado por uma memória acerca dos discursos masculinos de poder e virilidade, e por uma memória sobre os discursos femininos de subserviência e doutrinação, característicos do contexto histórico-social representado pelos personagens Hagar e Helga (ambos representam sujeitos medievais, submissos à doutrina da igreja, segundo a qual a mulher deve ser subserviente ao homem, mostrando, inclusive certo grau de inferioridade.). Destarte, nessas enunciações, embora possamos notar uma forte rememoração da divisão social que materializa a escala de importância e superioridade do homem sobre a mulher, há uma subversão desse discurso, já que Helga apresenta-se como tendo mais poder de decisão que Hagar, mostrando uma inversão no comportamento social da relação homem x mulher.

A ideologia está materializada na linguagem, e se manifesta no momento da enunciação (aqui, no acontecimento das tiras). Olhar discursivamente para as tiras é mostrar-se condescendente com o fato de que o discurso trabalha a relação língua-história, e que esta é atravessada pela ideologia, pelo simbólico. Como é de praxe no interior das pesquisas discursivas, e dito à exaustão, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (ORLANDI, 2006), e é assim que a língua faz sentido. É assim que se constitui o *masculino* e *feminino* na modernidade, como se verá nas análises (em que um homem pode ser interpelado em feminino, e uma mulher pode ser interpelada em masculino, como no caso de Hagar e Helga), mostrando os deslocamentos sofridos pelos sujeitos nos atuais discursos referente ao masculino e ao feminino, que aparecem frequentemente nos materiais didáticos que circulam no país.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Nos estudos discursivos, não se separam forma (língua) e conteúdo (enredo) e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Aí entra, então, a contribuição da Psicanálise, como deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com a estrutura da língua, na história (e aqui, especificamente, nas falas dos quadrinhos). De nosso prisma, a história tem seu real afetado pelo simbólico. Os fatos reclamam sentidos. O sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. Como postula Orlandi (2007), as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.

Por isso não se pode tratar o discurso como mera transmissão de informações, pois que, no funcionamento da linguagem, sujeitos e sentidos são afetados pela língua e pela história, havendo um complexo processo de constituição desses sujeitos e seus sentidos. Assim a Análise de Discurso teoriza a interpretação, isto é, coloca a interpretação em questão, porque há opacidade da linguagem, além de ela estar repleta de equívocos e falhas. Assim, as questões interpretativas comumente propostas nos livros didáticos sofrem um deslocamento, visto que essa interpretação não considera **apenas** a materialidade linguística em si e per si, mas leva em conta toda a condição sócio-histórica-ideológica de produção desses discursos.

É possível trabalhar as determinações do *masculino* e *feminino* justamente porque a Análise do Discurso não estaciona nessa interpretação *per si*, mas trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. “*Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender*” (ORLANDI, 2007, p. 26).

Na relação discursiva, são as imagens (imaginário) que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o masculino ou o feminino vistos empiricamente, mas o masculino e o feminino enquanto posições discursivas produzidas pelas formações imaginárias. Como condensa na afirmação Machado (2010):



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

É o que está fora da língua que faz significar a língua. Esse modo de questionar dados que abarca a língua e a não-língua, afasta-se de qualquer empirismo (como existência independente da língua) para dar primazia a um pensamento irredutível de que o mundo existe se criado pela língua, o real manifesta-se se construído pela língua, e as transmutações, movimentos, direcionamentos, deslizos e um suposto 'livre arbítrio' estão alienavelmente atrelados ao exercício da língua (MACHADO, 2010, p. 25).

3. ANÁLISE

3.1 OS SENTIDOS E AS IDEOLOGIAS DO SUJEITO FEMININO

Inicialmente, refletiremos sobre a ideologia feminina tal como se apresenta na modernidade atual, para, posteriormente, observar o funcionamento dessa ideologia em nosso *corpus*, as tiras de Hagar. Orlandi (2006) descreve bem a ideologia feminina na sociedade moderna. A autora afirma que a ideologia predominante é a de que a democracia e a igualdade levam à felicidade. Será que os direitos idênticos trarão uma sociedade mais razoável e igualitária? Mulheres poderiam dizer que sim, mas os homens... Notemos que:

Os homens enfrentam terríveis problemas sociais quando cedem à pressão feminista. Abandonando seu habitual status de chefe da casa, o homem se vê compelido a procurar compensações para esta perda de prestígio doméstico. Para alguns especialistas, todo esse jogo é apenas um problema social, superável com a transformação dos padrões culturais. Para outros, entretanto as diferenças entre homens e mulheres são mais básicas, de natureza biológica (ORLANDI, 2006, p. 40).

A autora discorreu com maestria sobre a ideologia feminina, ao afirmar que, por ter sido sempre mais limitada, pela própria educação sócio-histórica, suas opções de vida resultam em incertezas, insegurança e culpa. Atualmente a mulher pode ser impelida a trabalhar ou não, casar ou não, e até limitar o número de filhos. Contudo, ao optar por uma das opções, o faz agenciado por algum outro fator determinante. Sua voz é sempre digna de dúvida, talvez reflexo de uma ideologia medieval ainda, que silencia a voz de decisão das mulheres, impedindo-a de ocupar seu lugar na sociedade moderna (ORLANDI, 2007).



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Há certa configuração na modernidade segundo a qual o sujeito feminino, quando opta pelo lado profissional, pode sentir-se carente de feminilidade, uma vez que certas profissões ainda são ideologicamente atreladas à masculinidade, como aquelas que requerem a execução de serviços mais pesados, ou até mesmo esportes como boxe ou futebol. Essa condição de produção do discurso sobre a mulher (contraste entre profissão “masculinizada” e feminilidade) produz um efeito de sentido de dependência, culpa e principalmente “dúvida” sobre se o que se está sendo feito é o certo. Ir contra a tradição social é, sobremaneira, confuso. Há uma pressão para que ela – a mulher – identifique-se a uma formação discursiva que materialize a formação ideológica de ser sempre agradável, gentil e fiel àquele que a sustenta. Produz-se, nesse funcionamento, o sentido de “dívida” para com o homem. Temos, então, a produção de novos sentidos que circulam atrelados aos sentidos de feminino, tais como: dúvida (no afirmar-se como mulher) e dívida (no assumir-se como mulher), tal é a condição feminina que se desvela discrepante do imaginário “democrático” da relação estabelecida entre homens e mulheres na sociedade moderna. O efeito de sentido de masculino e feminino na atualidade joga entre o embate “funcionamento versus imaginário”. Talvez o mundo produza uma discursividade que concorra para um efeito de sentido “masculino” predominante, que pode ser observado até mesmo pela maior frequência do uso linguístico do masculino, em detrimento do feminino. E, da posição-sujeito feminista, a mulher queira, também, ter sua voz ressoando tal qual a voz masculina, ainda que ocupando um lugar de dizer de mulher, concorrendo para a determinação de uma certa complexidade ideológica da sociedade.

O problema para o acontecimento dessa sociedade utópica – que possibilita a manutenção igualitária das posições “masculino” e “feminino” – é desvencilhar-se da forte ideologia que organiza a sociedade, estabilizando os discursos desde sempre: há um homem, e há uma mulher, o que já significa ter uma sociedade com certas diferenças. Por exemplo: dizer “trabalho” pelo lugar de homem produz certo efeito de sentido; dizer a mesma palavra “trabalho”, pelo lugar de dizer feminino, produzirá outro sentido que, dependendo desse lugar de dizer, concorrerá para outro efeito de sentido, como ocorre com qualquer enunciado, uma vez que o sujeito e o mundo são carregados de uma ideologia angular: feminino e masculino, que o faz significar, a si e ao mundo.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Neste momento, queremos filiar o sentido moderno de feminino às características históricas desse nome e levantar a questão: **se hoje a mulher pode ser impelida a trabalhar ou não, casar ou não, limitar ou não o número de filhos, isso faria dela mais ou menos feminina? Ou quem sabe masculina?**

3.2 TIRAS DE HAGAR, O HORRÍVEL

Inicialmente, é bom observar que as tiras de Hagar funcionam no discurso de modo a produzir um efeito “contrário” do que foi dito anteriormente: é o sujeito que, no discurso, ocupa um lugar de dizer feminino quem detém o poder no lar. Esse é o fator principal de humor das tiras de Hagar. E o que isso significa? Uma crítica? Uma aberração? Um desejo da sociedade?

Hagar, o Horrível são as tirinhas de Dik Brownen, criadas em 1973 e divulgadas em mais de 1900 jornais. O personagem Hagar é um viking que, embora seja respeitado profissionalmente – ele é um dos maiores saqueadores e assassinos entre os vikings –, leva uma vida pessoal frustrada; está sempre discutindo com a esposa Helga, enquanto seu filho Hamlet não quer saber de briga, apenas de ler e filosofar, e sua filha é mais “macha” que os dois homens da casa juntos. “Hagar, o terrível” destaca-se por ser uma tirinha sobre relacionamentos familiares, especialmente sobre a relação marido-mulher, coisa que tirinhas conseguem captar tão bem. Assim, as tiras de Hagar são um *corpus* rico para questionar os aspectos linguísticos, históricos e sociais que fazem significar o masculino e o feminino na atualidade, bem como acentuar sua configuração complexa.

As tirinhas de Hagar, o Horrível, bateram recordes e fizeram a fortuna de seu criador. Ela é considerada a obra de crescimento mais rápido na história. Dik Browne faleceu em 1989, mas a tira continua sendo produzida por seu filho, Chris Browne, que consegue manter, praticamente, o bom humor do pai graças a um memorável de sucesso já construído. Hagar, atualmente, é publicado em cerca de dois mil jornais nos EUA e outras centenas fora daquele país. Há algumas coletâneas lançadas no Brasil pela LP&M Editora. Via Internet, é possível acompanhar as tiras no site da distribuidora King Features, e também nos jornais de grande circulação.

A fim de continuarmos nossas análises, passemos para a figura I:



Figura I – Hagar, o Horrível².

O humor parece fundar-se sobre o efeito de sentido produzido no interior de uma formação discursiva que materializa a formação ideológica carregada de um pré-construído sobre o discurso machista de que “é engraçado ser mandado por uma mulher”. As tiras de Hagar trabalham essa problemática de ter-perder a voz na formação discursiva³ do lar o tempo todo, isto é, a questão de quem tem o direito de ter seu dizer sendo sobreposto sobre o do outro. Como temos dito (AUTOR1, 2010d), há sempre, em toda enunciação, uma propriedade aparente e outra evidente, inseparáveis: na aparência, o sujeito Helga é que toma frente da casa, seu interlocutor, o marido Hagar, vive para beber sua cerveja sossegado, e ela pega na lida da casa para sustentar a família. E, por detrás dessa aparência, há uma evidência em que, na verdade, Hagar vive para lutar contra os inimigos, “dá uma de valentão” para os amigos (sustenta uma exigência social de “macho”), mas no fundo morre de medo se sua esposa Helga, sofrendo assim um constante processo de des-individualização (AUTOR, 2). As questões que se põem são: a tira causa humor porque ele não deveria ter medo dela? É engraçado ser submisso à esposa? Ou ainda: A esposa ter “voz” na casa significa uma desestabilização?⁴ O riso é um consentimento antidemocrático?

² COMICS HAGAR. Disponível em < <http://comicshagar.blogspot.com/>>. Acesso em 22 nov 2010.

³ Segundo (PÊCHEUX, 2008), é a formação discursiva que determina o que se pode dizer e o que não se pode dizer em determinado espaço estabelecido.

⁴ Acentuamos que não queremos responder essas perguntas neste trabalho, senão que elas nos levem a pensar na configuração de masculino e feminino na atualidade.

Observemos a figura II:



Figura II – Hagar, o Horrível⁵.

O enunciado “Limpe os pés” é a ordem de Helga dada a Hagar. Isso parece normal visto por um olhar estruturalista, ou seja, do ponto de vista do ensino da gramática tradicional, que buscaria os possíveis sentidos considerando apenas a materialidade do enunciado. Entretanto, ao considerarmos as condições sócio-históricas de produção desse discurso, ou seja, considerando o modo como as relações entre homem e mulher são – e eram – tidas, temos um efeito contrário à expectativa do locutor, já que este espera que sua esposa o receba de forma a demonstrar que tenha sentido sua ausência, uma vez que, nas condições de produção do enunciado, há uma memória de que o marido guerreiro passou seis meses longe de casa e estava retornando. Pode-se perceber, ademais, pela análise do material não-verbal, que a alegria que transparecia no rosto de Hagar logo foi tomada por um desapontamento. “... e tudo o que você tem pra me dizer é limpe os pés?!” (ou seja, só isso?). Nesse enunciado há um imaginário: Hagar supõe que terá uma acolhida calorosa, afinal são seis meses numa ilha, só comendo peixes. O efeito humorístico da tira está no quadro final, onde Helga, fingindo ignorar o imaginário do marido e uma formação discursiva de “acolher bem”, transtorna o feminino clássico respondendo: “limpe os pés e escove os dentes!!”. Hagar foi ressignificado na sua masculinidade, frustrado no primeiro momento, com a afronta ao seu imaginário de ser tratado bem, mas consentindo como cônjuge submisso, mostrado pelo acréscimo à ordem que de um período simples passou a composto (e...) e pelo silêncio do último quadrinho, que significa sua submissão à ordem dada por sua esposa. Por meio desta figura, percebemos uma

⁵ UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ. Disponível em <<http://www.unitau.br/>>. Acesso em 22 nov 2010.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

formação discursiva que promove um deslocamento dos sentidos pré-construídos acerca do papéis de homem e mulher na sociedade: há pessoas interagindo por meio da linguagem, os sujeitos masculinos e femininos, constituídos pelos funcionamentos engraçados (de homem submisso à mulher) porque afrontam uma memória machista, e seus enunciados (voz da mulher que sempre “desconcerta” o homem).

3.3 OS SENTIDOS E AS IDEOLOGIAS DO SUJEITO MASCULINO

Passemos a refletir, agora, sobre a ideologia do que se constitui masculino na modernidade. Observando a presença constitutiva, ao menos na sociedade atual, do masculino no feminino (caso de Helga, em Hagar, o terrível) e o quanto de feminino há no masculino, podemos observar um deslocamento constante dessas posições-sujeito nos discursos acerca do papel do homem e da mulher no mundo capitalista e como ele circula nos materiais didáticos. Cabe, por conseguinte, um questionamento importante: há de fato um funcionamento tão separável quanto o há no imaginário social sobre essas posições discursivas? Como a Análise de Discurso é um saber de entremeio, sem ancoragem de saberes, vamos agora trazer para a análise das tiras reflexões pelo ponto de vista de autores não-linguistas.

Construções cognoscíveis e discursivas, como nos afirma Ramirez (1989), dominantes nas sociedades e articuladas em forças e jogos exibem uma gama múltipla de manifestações. Além disso, respondem à pluralidade cultural humana e as suas formas de expressão são bastante variadas. Como exemplo, podemos nos referir - como fez aquele autor - à rivalidade, competição e conflito característicos da sociedade porto-riquenha, expressos na memória do ditado: “*Dos bueyes machos no caben em uma misma cueva*”, equivalente ao nosso “Dois galos não cantam no mesmo terreiro”, quando se observa que o almejado é a supremacia de um sobre o outro ou a subordinação de um ao outro. Falando sobre as relações entre os gêneros, Almeida & Leiner (1999) expressam a convicção de que

A unidade e sua ligação sexual amorosa com o outro, como objeto total, só pode ser feita quando existe uma identidade de gênero bem constituída e esse indivíduo tem a capacidade de suportar que ele é uma pessoa separada, que sente falta, tem cuidado, consideração e precisa do outro (ALMEIDA , LEINER, 1999, p.492).



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Nas palavras de Ortiz (1995), a noção de machismo é *“uma construção estética, adialética e aistórica, que descreve mais do que explica a dinâmica masculina.”* (p.150). É no discurso masculino que se identifica a dinâmica dessas relações, quando o homem defende a subordinação e a desvalorização da mulher. O que o sujeito masculino tradicional espera do feminino é total submissão. Esse homem apresenta-se como autoritário e dominador, potente e competitivo, é o provedor. O imaginário de Super-Homem, dado por memórias como aquelas existentes em enunciados tais como “seja homem!”, e que circula livremente entre os alunos, em várias faixas etárias, produzindo sentidos diversos acerca do que se compreende por “homem” e “mulher”, bem como “de que modo devem ser as relações estabelecidas entre eles”.

De acordo com Badinter (1993), podemos identificar, na atualidade, diferentes tipos de homens. O modo de dizer, então, irá causar dois efeitos de sentido masculino: *o homem duro e o homem mole*. O primeiro, mutilado do afeto, tem a sua feminilidade amputada. Como modelos, temos as memórias do **supermacho, o Marlboro man, Rambo e o Exterminador**. O homem duro, quando deixa cair a sua máscara, permite entrever um bebê que treme. O homem mole, homem doce ou **homem-pano-de-prato, a porção mulher, o homem rosa** renuncia voluntariamente aos privilégios masculinos (poder e superioridade do macho) e é partidário da ampla igualdade entre homem e mulher, tipo este de relacionamento que envolve uma construção trabalhosa.

Nas palavras de Ortiz (1995), *“o poder masculino, que representa, definitivamente, certos privilégios para o homem nas sociedades patriarcais, também significa angústia e muita solidão existencial.”* (p.151). Como há sujeitos femininos que sofrem as afrontas por ocuparem posições ideologicamente masculinas (como jogar futebol, por exemplo), há da mesma forma sujeitos masculinos polemizados por serem, dentre tantas coisas, “donos de casa”, materializando uma forma-sujeito feminino, podendo inclusive enfrentar uma “auto-tensão ideológica”, ou depressão, se descobrir que ganha menos que sua esposa, ou ver-se obrigado a ter que ser o homem do lar, educador dos filhos, enquanto sua mulher trabalha. Dentro de uma formação discursiva machista, prefere chamar-se “desempregado” a “dono de casa”.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Deste modo, podemos vislumbrar um efeito de sentido um tanto quanto hipócrita na modernidade: agenciados por uma sociedade não-identitária (RANCIÈRE, 1996), em que homem e mulher devem ser desdobráveis (necessidade de vida dupla: homem-mulher e mulher-homem), homens enunciam como mulher (costurando, cozendo, fazendo balé, etc), disfarçando sua feminilidade, e mulheres enunciam como homem (no trabalho duro, no futebol, nos negócios do lar, etc), disfarçando sua masculinidade. Um misto de culpa, indecisão e frustração concatenam e compõem os sentidos masculinos e femininos modernos.

Assim como já se expressou certa vez (MELLO, 2001 *apud* SAAD, 2005, p. 6), “[...] *o desejo, na raiz, é o mesmo para todos, assim como a morte nos espera e iguala: são os desvios e descaminhos que dão estofa à nossa vida, criando cenas e elaborando roteiros que nos diferenciam irremediavelmente uns dos outros*”.

CONCLUSÃO

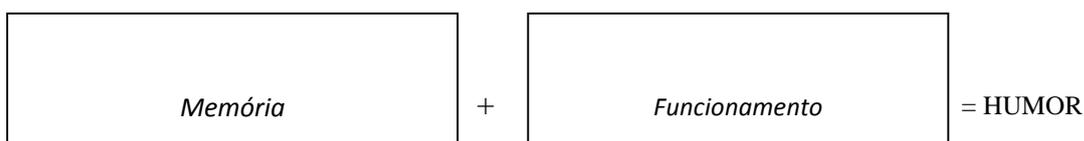
O presente trabalho desvelou que feminino e masculino são antes configurações pretendidas que posições efetivas. Esses sujeitos são concebidos como tal pela memória, ideologia e imaginário, principalmente. As tiras de Hagar bem como a retomada dos autores discutidos nos ajudam a por em xeque a sociedade matematicamente regular, com “machos” e “ladies”, onde o primeiro domina uma formação discursiva de hierarquia superior, e a outra condescende a um funcionamento servil.

Pelo aparato da **memória**, vemos que, embora não seja novidade que os discursos modernos veiculem sentidos de igualdade social, memórias de que “masculino é macho” e “feminino é delicado” são fortes no imaginário do povo. Jamais conseguiu se apagar. Por mais que as mulheres avancem nos direitos e no campo profissional, a memória sexual ressignifica a sociedade assexual.

Prova dessa primazia da diferença são as tiras de Hagar: o humor é resultado de uma memória distintiva (homem macho, mulher servil) que contrasta com o funcionamento discrepante (mulher macha, homem servil). Ora, se essa memória não existisse, as tiras não teriam “graça”. O humor é resultado da fórmula:



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013



Se não existisse essa memória milenar, haveria apenas um funcionamento corriqueiro. Sem graça. Descritivo por si. Uma trivialidade banal e corriqueira do lar.

Pelo aparato da **ideologia**, vimos que a sociedade reclama um homem e uma mulher “ideal”. Nossos enunciados – quer pela fala, pela roupa, pelo look, pelos lugares que se frequenta, pessoas com quem se fala, coisas que se fazem a gosto e até a contra gosto, etc – buscam involuntariamente construir-nos nesses lugares histórico-socialmente pré-determinados. O homem, por exemplo, tem uma ideologia universal, um dos papéis mais importantes: constituir-se marido, pai e dar segurança à família. Um homem ideal não seria o que é temido pela esposa e pelos filhos. Isto seria terrível, talvez a pior coisa, do ponto de vista moral, para um homem: ser temido em casa. E concomitantemente, a ideologia universal feminina reza uma esposa se sinta segura ao seu lado, sabendo que ele a ama, que a honra e respeita que a trata bem. O homem tem um papel estabilizador de emoções em casa. Ele dá segurança à esposa e equilíbrio aos filhos. Qualquer outro enunciado que contrarie essas ideologias universais produzem efeitos “estranhos” à estabilidade social. E é por sobre essas ideologias que a sociedade busca movimentar-se. E se se demora a avançar, é devido ao agenciamento dessas ideologias.

No tocante ao **imaginário**, mesmo que se consinta a farta exposição científica não preconceituosa da psicanálise, democracia e moral filosófica, ainda vigora de maneira forte um imaginário da mulher com menos força física, vista como o oposto do homem, ou seja: fraca, frágil, insegura, gentil, sentimental, compreensiva, emotiva, dócil, dependente, submissa, sensível e orientada para a filiação. Prova disso são funcionamentos modernos como os comerciais na televisão: nota-se que ela aparece muitas das vezes como objeto de desejo e consumo, dependente, ansiosa de amparo e proteção, bem como a prática



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

No que tange ao **simbólico**, as tiras de Hagar, embora ofereçam inúmeras possibilidades de estudo, como mencionamos anteriormente, nesta abordagem encontramos uma forma de, não apenas conquistar o interesse dos leitores para uma leitura considerada “fácil”, mas de aprofundar e explorar as potencialidades significantes desse gênero. Pode-se perceber ainda que embora o universo do personagem Hagar esteja distante do nosso, no tempo e espaço, os temas abordados pelo autor nas tiras são semelhantes à realidade contemporânea, fazendo-se muito próximos dos acontecimentos que envolvem o nosso cotidiano. O humor, a empatia, a descontração e essa familiarização com a nossa realidade são alguns dos motivos que certamente levam tantos leitores a viajar pelo imaginário do mundo viking.

Todo este percurso discursivo orienta homem e mulher para uma **formação discursiva** na qual o sujeito feminino está fadado a ajeitar-se a uma prática que a obriga a conjugar duas posições simultâneas: a mulher **dona de casa**, mãe e esposa de sucesso no lar e a **empreendedora**, mulher que quer valorizar sua carreira profissional sem abandonar seu espaço de mãe e esposa. Uma dupla formação discursiva, nem sempre amistosa, discurso de tensão para que se concilie essa dupla tarefa. Assim, feminino é uma configuração de vida dupla, ou ainda, se consideramos a predisposição empresarial como historicamente masculina, diremos que “a mulher hoje tem que ser homem e mulher” (e, inversamente, “o homem deve submeter-se a práticas convencionadas como próprias de mulher”).

Vê-se por essa formação discursiva que o discurso masculino e o discurso feminino têm tomado formatos diferentes dos tradicionais. Por isso, entender como se configura e significa o masculino e o feminino na modernidade é muito pertinente para os estudos lingüísticos (que será suporte para outros estudos: sociais, filosóficos, jurídicos, etc), uma vez que os textos articulam vozes e discursos dos atos humanos, levando o sujeito a se reconhecer, interagir e trocar experiências por meio da linguagem.

Referências bibliográficas



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

- ALMEIDA, R. H., & LERNER, R. C. Brajterman. **Identidade e gênero: sua importância na prática analítica. Uma visão teórica.** Revista Brasileira de Psicanálise. ABP. Rio de Janeiro, 1999.
- BADINTER, E.. XY. **Sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BROWNE, D. **O melhor de Hagar, o horrível.** Porto Alegre: L&PM.1996.
- BROWE, D. **COMICS HAGAR.** Disponível em
< <http://comicshagar.blogspot.com/>>. Acesso em 22 nov 2010.
- EDUCAÇÃO. **A figura da mulher nas tiras de jornal.** Disponível em
<www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 15 nov. 2010.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento.** Campinas: Pontes, 2002.
- KING FEATURES. **HQs.** Disponível em <www.kingfeatures.com>. Acesso em 15 out. 2010.
- AUTOR2, 2011,233f.
- AUTOR1, 2010, 220p.
- ORTIZ, R. Discursos masculinos: a auto-opressão da transmissão de HIV/AIDS. In: NOLASCO, I. **A desconstrução do masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 148-55.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 2006.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: principais procedimentos.** Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Orlandi *et al.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- RANCIÈRE, J. **O desentendimento.** Tradução de Ângela L. Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SAAD, A. A. C. **A difícil relação homem-mulher: as vicissitudes do convívio com as diferenças.** Trabalho apresentado em mesa redonda no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise. Brasília, DF, 13 nov 2005.
- SOUZA MELLO, J. B. de. **Cinema e Psicanálise encontram-se nos sonhos?** Mesa Redonda sobre Psicologia e Cinema. Brasília: CCC/SPB, 18-04-2001.
- UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ. Disponível em <<http://www.unitau.br/>>. Acesso em 22 nov 2010.